

A FORMAÇÃO DOS ATUAIS ESTADOS ÁRABES NO ORIENTE MÉDIO

Líbano

José Farhat

Após receber um mandato para a (Grande) Síria da Liga das Nações em 1920, a França aumentou o tamanho da antiga *vilayet* otomana do Líbano adicionando áreas ao norte, leste e sul, pertencentes à Síria, batizando a nova entidade de Grande Líbano.

Em 1926 a França promulgou uma constituição republicana com um parlamento e um presidente executivo eleito pelo parlamento e o país foi renomeado de República do Líbano.

Não durou muito e, em 1932, a potencia mandatária suspendeu a constituição, promoveu um recenseamento¹ que mostrou a existência de dezesseis seitas religiosas reconhecidas.

Em novembro de 1936, Paris reativou a constituição e foi assinado o Tratado Franco-Libanês² prevendo considerável autonomia ao Líbano.

Durante a II Guerra Mundial, o governo pró-alemão de Vichy apoderou-se de todos os territórios franceses do além mar, inclusive o Líbano, em 1940. As forças aliadas da França livre e da Grã Bretanha, procedentes da Palestina, retomaram o país em junho de 1941, dando-se ao Líbano uma independência nominal.

Um acordo constitucional que se chamou Pacto Nacional de 1943 foi promovido pelo General Charles de Gaulle (1890-1970), representando a França Livre e o General Edward Spears, em nome da Grã Bretanha, em março daquele ano e, uma vez obtido o consentimento dos libaneses, representados por Riadh Solh (1894-1951), líder dos muçulmanos e Bishara Khouri (1890-1964), líder dos cristãos, foi reativada novamente a Constituição de 1936.

Spears teve papel importante na mediação entre os rivais muçulmanos e cristãos e, baseado no censo de 1932, que demonstrava serem os cristãos 54% da população, recomendou a proporção de 6:5 para o preenchimento das cadeiras do Parlamento, o que dava para cada grupo de 6 assentos para os cristãos, 5 para os muçulmanos. Esta proporção se aplicaria depois a todos os cargos do funcionalismo civil e militar e do judiciário.

Este pacto verbal seria reconhecido pelas partes como um suplemento à Constituição. Ficou estipulado que o presidente da república seria um cristão maronita, o presidente do conselho de ministros um muçulmano sunita e o presidente do parlamento um muçulmano xiita e seu vice um cristão greco-ortodoxo.

¹ Este recenseamento de 1932 seria o único em toda a história do Líbano e serviria de base para a divisão do poder entre eles. Nunca mais foi realizado um censo para que não fosse alterado o número de deputados e os cargos no executivo, pois tudo indicava que as camadas mais pobres da população aumentavam sem cessar e teria que obter participação maior. O futuro demonstraria que isto de fato aconteceria.

² Governava a França a Frente Popular de esquerda, interessada em dar um fim no mandato.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

Nos termos do pacto, a liderança muçulmana passou a aceitar as fronteiras do Líbano e abandonou sua reivindicação de união com a Síria para reconstituição da Grande Síria. Como compensação, os cristãos concordaram que o árabe seria a única língua oficial da república, que o Líbano abandonaria qualquer vínculo com qualquer país estrangeiro e que se apresentaria sempre com sua “face árabe”.

Este pacto foi oficializado por decreto do Alto Comissário da França Livre para o Líbano, General Georges Catroux (1877-1969).

Em setembro de 1943, Khouri foi merecidamente eleito presidente da república tanto por sua atuação recente quanto por seu passado de luta nacionalista contra as arbitrariedades da potência mandatária. Com a partida dos franceses o Líbano se tornou independente de fato e Khouri, em perfeita harmonia com os muçulmanos, alinhou sua política externa com os vizinhos árabes. E assim, em 1945, o Líbano se tornaria um dos fundadores da Liga Árabe e participou na Guerra da Palestina (1948-1949), assinando a trégua com Israel em março de 1949.

Em meados de seu segundo mandato, Khouri não suportou a oposição cerrada contra sua administração e pediu demissão em 1952.

Camille Chamoun (1900-1987) foi eleito presidente da república para suceder a Khouri e logo mostraria a que veio. Ignorou o programa de governo de seus partidários que determinava a concentração nos assuntos internos do país, dedicou-se aos negócios exteriores. Apesar da pressão dos setores muçulmanos, ele não cortou relações com a França e a Grã Bretanha quando estas se aliaram a Israel na agressão contra o Egito, na Guerra do Suez em 1959. Desagradaram ao campo pan-árabe seu alinhamento descarado com o ocidente, sua promoção insolente de eleições gerais fraudulentas e a perversa perseguição da oposição.

Quando irrompeu a I Guerra Civil do Líbano (1958, de maio a julho) entre Chamoun e seus partidários e a oposição, principalmente os muçulmanos entre eles e a Frente Nacional Socialista de Kamal Jumblat (1917-1977)³, na onda da instalação da República Árabe Unida, a oposição chegou a ocupar um terço do Líbano. Com a queda da monarquia no Iraque, seus maiores aliados, Chamoun apelou para a ajuda militar dos Estados Unidos com base na Doutrina Eisenhower⁴ e logo 14.300 marines vieram em seu socorro pelo ar apoiados por 76 navios da Sexta Frota. Os norte-americanos só se retirariam completamente em outubro daquele 1958.

Apesar da presença de forças estrangeiras as batalhas se intensificaram durante breve período e só terminou com o acordo entre as partes, aceitando o chefe do exército, general Fuad Chehab (1902-1973) como candidato único à presidência. A escolha de Chehab foi devida principalmente por manter a neutralidade das forças armadas durante todos os distúrbios entre facções libanesas. Ele manteve a

³ Kamal Jumblat pertence a famoso clã druzo e foi o fundador do Partido Socialista Progressivo em 1949 cuja grande maioria é constituída de druzos, mas também com participação de sunitas, xiitas e até cristãos, cuja bandeira é a eliminação do sistema confessional libanês. Seu *background* feudal dava-lhe prestígio junto aos druzos e seus ideais de esquerda e de nacionalista árabe o aproximavam das populações urbanas, principalmente entre os sunitas. Seu filho Walid o sucedeu quando morreu assassinado.

⁴ A Doutrina Eisenhower, devido ao estreitamento de relações entre o Egito e a URSS, enviou ao Congresso em janeiro de 1957 uma informação a respeito da política a ser adotada no Oriente Médio propondo medidas para acelerar o desenvolvimento da região, ajudar na manutenção da independência política dos países e prover ajuda e cooperação militar para salvaguardar a integridade territorial e a independência política daqueles países que as requeressem.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

estabilidade devido ao alinhamento de sua política externa com aquela dos demais países árabes. No campo interno, apoiado por militares e tecnocratas, ele tentou modernizar a máquina política-administrativa libanesa, emperrada com valores feudais e divisões sectárias e empreendeu um plano de melhorias da infra-estrutura do país.

Charles Helou (1912-2001), advogado e jornalista, sucedeu a Chehab em 1964. Logo diminuiu o ritmo das reformas de antecessor, mas assim mesmo continuou contando com o apoio deste, sua única base política de apoio. Conseguiu conservar a estabilidade interna e o alinhamento com os demais países árabes. Ele manteve o Líbano fora da Guerra Árabe-Israelense de Junho de 1967. Fato importante de seu governo foi a manutenção da unidade das forças armadas libanesas com a aprovação do Acordo do Cairo de 1969 pelo qual a Organização para a Libertação da Palestina passaria a controlar os campos de refugiados, evitando os enfrentamentos entre Exército e OLP. Deixou o cargo no término de seu mandato em 1970, mas, assim mesmo, sempre era consultado, durante a Guerra Civil do Líbano (1975-1990), na qualidade de alguém cuja mediação poderia ajudar a dar um fim ao conflito.

Suleiman Franjeh (1910-1993) seria eleito em 1970 com a apertada margem de apenas um voto. Na Guerra Civil (1958) ele apoiou o campo pró-Nasser contra o então presidente Chamoun, porém como este e Pierre Gemayel (1905-1084)⁵, líder maronita das Falanges⁶ o apoiaram nas eleições presidenciais, virou casaca e passou a adotar uma atitude contrária aos palestinos, em consonância com a extrema direita maronita, o que o tornou impopular junto aos setores muçulmanos nacionalistas árabes, favoráveis aos palestinos.

Apesar dele, a OLP estabeleceu a sua sede em Beirute, em 1972.

Como era de se esperar de Franjeh e convinha a seu *entourage*, o Líbano permaneceu fora da Guerra Árabe-Israelense de 1973.

Em abril de 1975 irrompeu a II Guerra Civil do Líbano e já na primavera de 1976 o Movimento Nacional Libanês aliado à OLP já controlava dois terços do país. Franjeh não hesitou e apelou para o presidente sírio Hafiz Assad (1930-2000)⁷ consciente de que só a Síria tinha capacidade para encerrar o conflito e introduzir uma reforma política. Por indicação de Assad, Franjeh emitiu um Documento de Reforma Constitucional no início de 1976 eliminando a divisão do poder entre cristãos e muçulmanos da proporção de 6:5 para a paridade entre os dois, mas a proposta não vingou. À medida que o conflito se intensificava, Franjeh se aproximava cada vez mais da direita maronita e, ao término de seu mandato, em 1976, filiou-se à Frente Libanesa politicamente dirigida por Chamoun e militarmente comandada por Bashir Gemayel (1947-1982).

Para eliminar qualquer adversário em sua corrida para a presidência, Gemayel mandou matar Tony Sleiman Franjeh e sua família⁸, o que fez com que Franjeh

⁵ Ver Falanges.

⁶ Falanges ou *Kataeb* é o partido fundado pelo Pierre Gemayel, organizado nos moldes da juventude hitlerista; partido de extrema direita, oposto a tudo o que seja árabe, pró-ocidente e opositor ao pan-arabismo. Tentou criar vínculos e promover acordo de paz com Israel.

⁷ Hafiz Assad foi presidente da Síria de 1971 a 2000. Deu à Síria estabilidade sob a égide do Baath, apoiado pelas forças armadas.

⁸ Em 13 de junho de 1978 um grupo de milicianos comandados por Samir Geagea invadia a residência de veraneio de Tony Sleiman Franjeh em Ehden, assassinando a sangue frio sua esposa Vera, sua filha Gihan de três anos, a babá e o motorista.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

novamente virasse a casaca e passasse a apoiar o campo de esquerda pró-Síria de Jumblat.

Elias Sarkis (1924-1985), indicado pela Síria, foi candidato único e foi eleito presidente em 1976, para suceder Franjeh. Sarkis atendeu o pedido da Síria e começou a substituir os altos funcionários do Estado por pessoas indicadas pela Síria mas, atendendo aos protestos das Falanges de Gemayel, ele voltou atrás e tentou em vão reduzir a influência da Síria.

Israel invadiu o sul do Líbano em março de 1978 para destruir as bases da OLP na região. Ao se retirar em junho, Israel deixou seus postos do sul do Líbano nas mãos de uma milícia cristã. As milícias maronitas estabeleceram estreitos laços com Israel, mas suas tentativas de estender seu poder até Zahlé, no Vale do Bekaa, foram frustradas pela Síria que a essa altura já mantinha 30.000 homens sob a égide da Liga Árabe e já passara a apoiar muçulmanos e a esquerda libanesa.

Em junho de 1982, logo após retirar suas forças do Sinai, nos termos do tratado de paz com o Egito, Israel invadiu outra vez o Líbano e ocupou dois quintos do país, incluindo Beirute.

Uma semana após a invasão do Líbano por Israel, em junho de 1982, as forças israelenses expulsaram Sarkis do Palácio.

Isto facilitou a eleição de Bashir Gemayel (1947-1982) para a presidência, porém, antes de tomar posse, ele foi assassinado.

Em setembro de 1982 Israel terminou a invasão depois que 11.644 combatentes da OLP e 2.700 soldados sírios se retiraram da Beirute ocidental.

Amin Gemayel (1942-) foi eleito presidente e, sob pressão dos Estados Unidos, começou a elaborar uma minuta de tratado de paz com Israel, em maio de 1983. Uma forte hostilidade doméstica, aliada à oposição síria, resultou na anulação do tratado em março de 1984.

Em seguida a uma conferência de reconciliação, reunida em Lausanne, foi formado um governo de união nacional, enquanto Israel terminava sua retirada do Líbano, deixando de plantão uma milícia chamada por eles de Exército do Líbano Sul.

No início de 1987 a Síria enviou suas tropas para a parte oeste de Beirute a fim de restaurar a ordem prejudicada por lutas armadas entre o partido Amal, uma agremiação xiita, e uma aliança centro esquerda de muçulmanos não xiitas.

Terminado o seu mandato em 1988, como o Parlamento não conseguia eleger o seu sucessor, em 22 de setembro, Gemayel chamou o comandante das forças armadas, General Michel Aoun, um maronita, para formar um governo militar provisório mas nenhum oficial superior muçulmano aceitou participar. Em maior de 1989 Aoun lançou uma “guerra de libertação” da Síria mas a saída mesmo foi a reunião do

Indefeso, Tony Franjeh em seus 37 anos incompletos recusava-se a se entregar conseguindo acertar um único tiro no líder dos invasores. Geagea após alguns anos de prisão foi libertado por decisão do Parlamento e é hoje Deputado e líder das Forças Libanesas, uma agremiação maronita.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

Parlamento, na cidade saudita de Taëf, quando foi adotada uma Carta de Reconciliação Nacional, contendo uma reforma política, que viria posteriormente a ser aprovada em reunião do Parlamento realizada em território libanês.

Elias Hrawi (1925-2006) foi eleito presidente na mesma reunião parlamentar.

Aoun recusou o acordo de Taëf e não reconheceu a eleição de Hrawi enquanto que as Forças Maronitas Libanesas aceitaram ambos. Isto levou a uma violência entre cristãos. Aoun foi derrotado por forças libanesas e sírias, em 13 de outubro de 1990, pondo um fim à guerra civil.

O Parlamento deu posse a Hrawi e transformou em adendo à constituição os acordos de Taëf, dando paridade a muçulmanos e cristãos.

O governo de união nacional desarmou várias milícias, eliminou a divisão de Beirute em duas zonas e assinou um Tratado de Irmandade, Cooperação e Coordenação com a Síria, em maio de 1991.

Foram realizadas eleições para um Parlamento ampliado entre agosto e outubro de 1992 e, devido ao boicote das eleições pelos partidos dominados por maronitas, a nova câmara e conseqüentemente o governo resultantes das eleições foram majoritariamente pró-Síria.

O Líbano participou do processo de paz realizado em Madri em outubro de 1991, mas devido ao impasse entre a Síria e Israel, pouco progresso houve nas negociações bilaterais entre Líbano e Israel.

Emile Jamil Lahoud (1936-) assumiu a presidência da república libanesa em 24 de novembro de 1998. O governo libanês insistiu com Israel para que desocupasse o sul do país incondicionalmente, conforme determinado pela Resolução 425 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de 1978, mas somente com a autorização dada ao Hizbullah para atuar na região e a pressão exercida por este resultaram na retirada incondicional israelense do Líbano, em maio de 2000.

Após os ataques de 11 de setembro de 2001 contra New York e Washington, os Estados Unidos pressionaram o Líbano para que banisse o Hizbullah da vida pública, mas o governo libanês recusou e resistiu à pressão estadunidense, argumentando tratar-se de um partido político legítimo, com substancial presença no Parlamento, assim como uma organização de cunho social.

Lahoud reconstruiu as forças armadas libanesas, introduziu o serviço militar obrigatório e conseguiu manter boas relações tanto com a Síria quanto com os Estados Unidos.

Com o resultado das eleições parlamentares de 2002, favoráveis ao grupo liderado por Rafic Hariri (1944-2005), Lahoud encarregou-o de formar o novo governo. Enquanto Hariri cuidava da economia, Lahoud cuidava da defesa e segurança, na tentativa de diminuir os protestos contra a presença síria no país, mesmo depois que a Síria retirou cerca de 10.000 de seus soldados.

“O Oriente Médio Árabe: passado recente e configurações atuais”

Lahoud presidiu a XXII Cúpula da Liga dos Estados Árabes, em março de 2002, a primeira a ser realizada em Beirute, quando ocorreram as reconciliações públicas entre Iraque e Kuwait e Iraque e Arábia Saudita e foi adotada a “Iniciativa Árabe de Paz” ignorada por Israel. A cúpula também pleiteou uma definição universalmente aceita para o que se entende por terrorismo. Lahoud tentou conduzir com liberdade e justiça o processo político objetivando a eleição de seu sucessor sob pressão imensa, direta dos Estados Unidos e da União Européia, obviamente com a contribuição israelense, e indiretamente através de partidos políticos a estas potências subordinados ou aliados, mas não teve êxito, até o término de seu mandato, em 23 de novembro de 2007, quando deixou o palácio presidencial de Baabda.

A pressão continuou, o país continuou governado sem legitimidade por um conselho de ministros, durante 183 dias, até quando se esgotaram as pressões externas e internas e, em 25 de maio de 2008, Michel Sleiman (1948-), assumiu a presidência.